

Risco de inadimplência é maior

Por William Dullforce
do Financial Times

A surpreendente proposta de redução de 30% na dívida de quinze países em desenvolvimento a bancos comerciais apresentada ontem, em Genebra, na Unctad, repousa na acusação discutida atentamente da estratégia de dívida internacional adotada pelas grandes nações industrializadas.

Na opinião do secretário da Unctad, o plano elaborado em 1985 por James Baker, o ex-secretário do Tesouro norte-americano, não conseguiu reconduzir os países em desenvolvimento à expansão contínua.

A Unctad também sustenta que o risco de inadimplências entre os quinze países mais endividados é maior do que nunca. Apesar das reformas de política interna empreendidas por muitos países sob pressão do Plano Baker, seu endividamento cresceu.

Seu ímpeto de expansão continua bloqueado, as pressões inflacionárias permanecem fortes e os investimentos continuam em níveis reduzidos.

A mais notável realização da estratégia Baker é de que a posição credora dos bancos comerciais em relação ao seu capital declinou sensivelmente. Ao aumentar suas provisões para prejuízos, os bancos norte-americanos, britânicos e canadenses deram passos decisivos em 1987 para se protegerem da possível falta de pagamento.

Em contraste, segundo o estudo da Unctad, no fim de 1987 os principais indicadores da dívida dos países em desenvolvimento se deterioraram em comparação a 1982, quando irrompeu a crise de dívida.

Se os recentes atrasos de pagamento de juro por uma série de países como Brasil, Equador, Costa do Marfim e Peru fossem adicionados ao total de dívida, a proporção de dívida externa para o Produto Nacional Bruto nos quinze países subiria de 0,42% em 1982 para 0,5% em 1987.

No fim de 1987, a proporção do total de dívida externa para o valor das exportações desses países foi 65 pontos maior do que em 1982.

A Unctad reconhece que fatores externos, como a contínua depressão dos preços das commodities, prejudicaram o Plano Baker, mas critica especialmente os bancos por não desempenhar seu papel na estratégia.

Esperava-se que os bancos fornecessem recursos suficientes para evitar que os devedores sejam forçados à inadimplência a curto prazo, mas também para fortalecer sua capacidade de serviço de dívida a termo mais longo.

Na prática, os bancos se concentraram em reduzir sua posição credora e atenderam apenas à primeira expectativa, segundo a Unctad.

Novos instrumentos e técnicas para converter créditos bancários em maiores ativos seguros — trocas de dívida por ações, "exit bonds" e outras formas de conversão — não produziram nenhum aumento substancial do fluxo de recursos aos países devedores, afirmam os economistas da Unctad.

A tarefa de realinhar os compromissos de serviço de dívida dos países em desenvolvimento com sua capacidade econômica ainda não foi realizada e, em

muitos aspectos, é agora muito mais difícil do que há seis anos, garantem os economistas. Os investimentos e o padrão de vida estão hoje em níveis bem abaixo dos anteriores.

DÍVIDA DOS AFRICANOS

O "menu" de medidas para incrementar a assistência aos países africanos, aprovado pelas sete potências industriais em sua reunião de cúpula de Toronto, em junho, representa uma importante mudança qualitativa na posição dos governos e melhorou as possibilidades de eliminação do ônus da dívida da África, informa a Unctad em seu relatório para 1988.

Contudo, a iniciativa de Toronto precisa ser complementada com outras medidas de redução da dívida e com novos créditos em condições facilitadas para os países mais pobres.

O cancelamento da dívida da Official Development Assistance (ODA) por parte de alguns governos deverá ser imitado por outros. Um cuidadoso exame das perspectivas de exportação e das exigências de importação deverá também mostrar que a renúncia ao pagamento da dívida da ODA é necessária para muitos outros países, informa a Unctad.